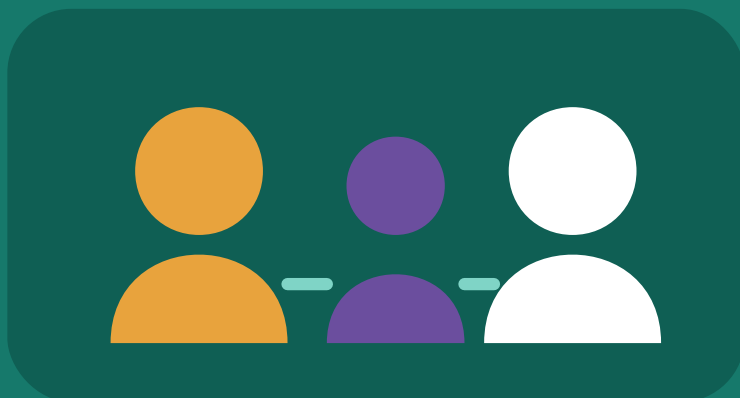


PROTEÇÃO DE CRIANÇAS NEURODIVERGENTES

Cada criança, um plano

Autoproteção, ambientes lotados, fuga e gestão de crise — para crianças autistas, com síndrome de Down, TDAH e outras neurodivergências.

Para famílias, escolas e terapeutas



REALIZAÇÃO



Na Rota do Afeto
capacitando e interagindo pelo mundo

Material gratuito de prevenção
Distribuição livre para famílias, escolas e serviços
Paula Lins — Fonoaudióloga · CRFa 1-13828 RJ

Na Rota do Afeto | Todos os Direitos Reservados - Paula Lins 2026

Para quem é este guia

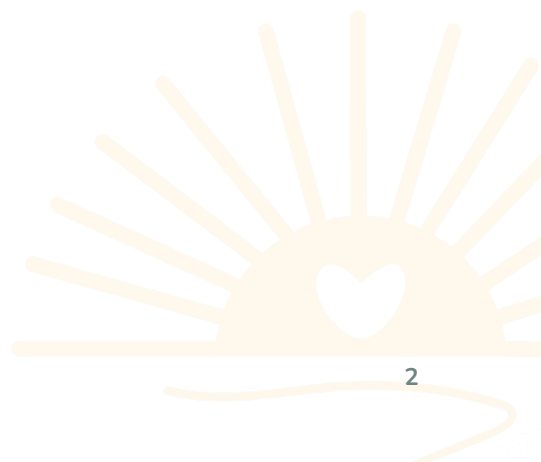
As duas cartilhas anteriores desta série ensinam autoproteção diretamente à criança. Este guia é diferente: **a maior parte dele é dirigida ao adulto**, porque em muitas neurodivergências a proteção depende menos do que a criança consegue fazer sozinha e mais do que o ambiente ao redor dela está organizado para impedir.

Isso não significa abrir mão de ensinar autoproteção. Significa fazer as duas coisas ao mesmo tempo: ensinar o que a criança pode aprender, e sustentar o resto com plano, ambiente e adultos preparados.

O que você vai encontrar

- Por que o risco é maior, e o que exatamente aumenta esse risco
- O que muda na prevenção quando a criança é neurodivergente
- Ambientes lotados: preparação, identificação e protocolo se a criança sumir
- Fuga (elopement): por que acontece, como prevenir, o que fazer
- Gestão de crise: durante e depois
- Como pedir ajuda quando gritar não é possível
- Fichas para preencher, recortar e levar junto
- Páginas simplificadas para ler com a criança

Este material tem finalidade educativa e não substitui avaliação, orientação ou acompanhamento de profissional habilitado, nem orientação jurídica. Confirme leis, cadastros e serviços do seu município antes de usar as informações aqui reunidas.



Por que o risco é maior

Crianças com deficiência são alvo de violência com mais frequência do que crianças sem deficiência. Isso está descrito na literatura internacional e é reconhecido pelos serviços de proteção. Não é porque a criança é frágil por natureza — é porque o entorno dela reúne várias condições que facilitam o abuso e dificultam a denúncia.

O que aumenta o risco

- **Mais adultos com acesso ao corpo.** Terapeutas, cuidadores, acompanhantes, transporte, profissionais de saúde. Cada pessoa a mais é uma porta a mais.
- **Dependência prolongada para higiene.** Banho, troca e banheiro seguem sendo feitos por adultos por muito mais tempo — e isso normaliza o toque íntimo.
- **Treino de obediência.** Anos aprendendo a cumprir o que o adulto pede, inclusive com o próprio corpo.
- **Dificuldade de relatar.** Menos linguagem disponível, menos vocabulário para partes do corpo e para sensações, ou nenhuma fala.
- **Relato menos acreditado.** "Ele inventa", "ela não entende", "isso é comportamento". O agressor conta exatamente com isso.
- **Menos rede social.** Menos amigos, menos espaços fora de casa e da terapia, menos adultos alternativos para procurar.
- **Menos educação sobre corpo e sexualidade.** Muitas famílias e escolas adiam ou evitam o tema, e a criança cresce sem nome para o que acontece com ela.

Um ponto difícil, mas necessário

Na maioria dos casos o agressor não é um desconhecido. É alguém da convivência: família, vizinhança, transporte, escola, serviço de saúde ou terapia. Manter isso em mente não é desconfiar de todo mundo — é não descartar um relato só porque a pessoa apontada é querida, competente ou "acima de qualquer suspeita".

Obediência não é segurança

Esta é provavelmente a página mais importante do guia.

Muitas crianças neurodivergentes passam anos sendo treinadas a cumprir comandos de adultos sobre o próprio corpo: mãos quietas, olha para mim, senta aqui, dá tchau, dá um abraço na tia, deixa o moço te examinar, faz o que a terapeuta pediu. Quando a recusa é tratada como problema a ser corrigido, a criança aprende uma regra silenciosa:

"Adulto manda no meu corpo. Dizer não dá problema."

Essa é exatamente a criança que um agressor procura.

O que fazer no lugar

- **Permita recusa de verdade, em situações reais.** Se a criança pode dizer não para um abraço da tia, ela está treinando o mesmo músculo que vai usar em uma situação de risco.
- **Ofereça alternativa em vez de exigir.** Aceno, toca-aqui, beijo à distância. O afeto continua, a obrigação sai.
- **Pare quando ela sinaliza parar** — inclusive em brincadeira, cócega e contenção afetuosa. Se você não para, ninguém mais vai parar.
- **Não condicione recompensa a toque.** Nada de "dá um beijo que eu te dou".
- **Avise antes de tocar**, sempre, mesmo em cuidado de rotina.

Sinal de alerta em serviços

Desconfie de escola, terapia ou serviço em que a recusa da criança seja tratada como comportamento a ser extinto, em que "conformidade" seja apresentada como objetivo em si, ou em que o profissional resista à presença dos pais. Autoproteção e treino de obediência puxam em direções opostas.

Dar nome ao corpo e à sensação

Nomes corretos, com apoio visual

Pênis, vulva, ânus, seios, boca. Use foto, prancha, boneco ou desenho — o que a criança já usa para aprender qualquer outra coisa. Apelido não serve: uma criança que só conhece "pipi" não consegue descrever o que aconteceu, e um adulto de fora pode não entender.

Vocabulário de sensação, não só de pedido

"Gosto", "não gosto", "para", "dói", "estranho", "me machucou", "quero sair". Ensine em contextos neutros e do dia a dia, muito antes de precisar.

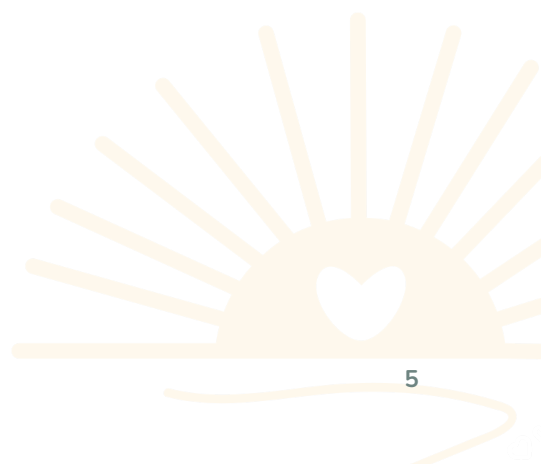
Se a criança usa comunicação alternativa

Verifique a prancha, o caderno ou o aplicativo com atenção. A maior parte do vocabulário disponível costuma ser de *pedir* e *escolher*: quero, mais, acabou, suco, parque.

Vocabulário de **recusa e de denúncia** quase sempre falta. Inclua: **não · pare · não gosto · dói · me machucou · tira a mão · quero ir embora · partes do corpo · nomes das pessoas do convívio**. Uma criança sem essas palavras disponíveis não tem como contar, mesmo que queira.

Um teste simples

Pegue o recurso de comunicação da criança agora e tente montar a frase "ele mexeu no meu pênis e eu não gostei". Se não for possível, o recurso precisa ser ampliado.



Higiene, privacidade e serviços

Cuidado íntimo com regra clara

- **Avise antes de tocar**, descrevendo o que vai fazer.
- **Reduza o número de pessoas** que fazem banho, troca e banheiro. Quanto menos, melhor.
- **Registre quem fez**, quando serviços diferentes estão envolvidos.
- **Avance a autonomia por etapas**, mesmo que devagar, mesmo que parcial.
- **Ninguém fotografa ou filma** durante higiene, troca ou banho. Nem para registro de evolução, sem autorização expressa e por escrito.
- **Privacidade progressiva**: porta encostada, cortina, toalha. Mesmo com apoio total.

Terapias, transporte e acompanhantes

- Porta aberta, visor ou câmera na sala de atendimento.
- Pais podem entrar a qualquer momento, sem aviso prévio. Isso deve estar combinado por escrito.
- Saiba o nome completo de todos que ficam a sós com a criança, inclusive substitutos.
- Atenção a presentes, atenção especial fora do padrão, contato fora do horário e pedidos de sigilo — "não precisa contar para a sua mãe" não tem versão profissional aceitável.

Nenhuma dessas medidas acusa ninguém. Elas apenas removem a oportunidade — e um bom profissional entende isso na primeira conversa.

Antes de sair de casa

Shopping, parque, praia, festa, aeroporto, evento. Ambiente lotado combina três coisas de uma vez: sobrecarga sensorial, muita gente desconhecida e muitas saídas.

Preparar a criança

- **Antecipe** com foto, vídeo, mapa ou história social: onde é, quanto tempo, o que tem de barulho e de cheiro, como a gente sai.
- **Escolha o horário de menor pico** sempre que houver escolha.
- **Leve o apoio sensorial** que funciona: abafador, boné, óculos escuros, item regulador, fone.
- **Combine o sinal de "quero sair"** — palavra, cartão, gesto — e honre esse sinal na primeira vez que ela usar. Se você não honrar, ela para de usar.
- **Combine uma saída possível:** ir ao carro, dar uma volta, sair antes.

Preparar você

- **Foto do dia**, de corpo inteiro, com a roupa que ela está usando. Tire no momento de sair.
- **Roupa de cor viva** ou fácil de descrever.
- Se houver dois adultos, defina **quem é responsável pela criança** a cada momento. A maior parte das perdas acontece quando os dois acham que o outro estava olhando.



Identificação e ponto de encontro

Identificação sem o nome à vista

Pulseira, tag no calçado, etiqueta na roupa ou QR code com **telefone de contato** — mas **sem o nome da criança visível**.

O motivo é concreto: um estranho que lê o nome pode chamar a criança por ele e parecer conhecido. Para muitas crianças, ser chamada pelo nome basta para gerar familiaridade e reduzir a resistência a acompanhar a pessoa.

O cartão de bolso

Guardado no bolso ou na mochila — não pendurado para fora. Ele é para quem *encontra* a criança, não para quem *aborda* a criança. Há um modelo pronto para recortar mais adiante neste guia.

Na chegada, antes de tudo

- Escolha um **ponto de encontro fixo**, visível e fácil de descrever. Vá até ele com a criança e mostre.
- **Apresente a criança à equipe** — segurança, portaria, recepção. Diga o nome dela, mostre a foto do dia e avise que ela pode não responder quando chamada.
- Localize as **saídas** e qualquer **corpo d'água** no local.

Sobre mochila com alça e outros contensores

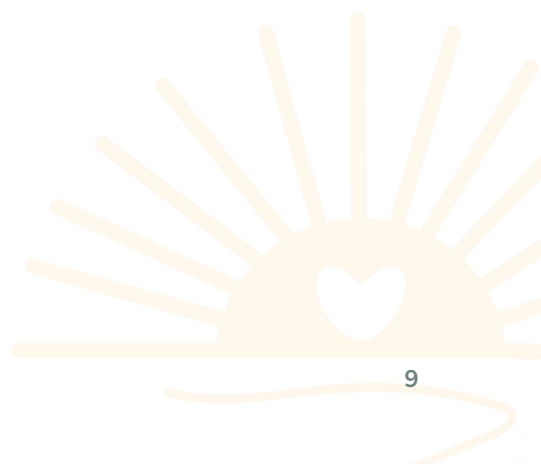
É uma decisão da família, tomada a partir do risco real da sua criança, e não cabe a ninguém de fora julgar. Se você usar, use bem: alça no adulto, nunca presa a objeto fixo, e sempre combinada com as demais medidas — nenhuma delas substitui as outras.

Se a criança sumir: os primeiros minutos

Não espere para ver se ela aparece. O tempo aqui é a variável que mais importa.

- 1** **Avise a equipe do local imediatamente** e peça monitoramento das saídas e anúncio interno.
- 2** **Ligue 190 já**, no primeiro momento. Informe que é uma criança com deficiência que pode não responder ao nome e pode não pedir ajuda.
- 3** **Procure água primeiro.** Piscina, lago, fonte, chafariz, mar, córrego, caixa d'água. Muitas crianças autistas são fortemente atraídas por água, e é ali que o risco de morte é maior. Depois: trânsito, estacionamento, escadas rolantes, elevadores, máquinas.
- 4** **Procure também o oposto:** lugares silenciosos, fechados e apertados. Embaixo de mesas e balcões, dentro de araras de roupa, atrás de portas, banheiros, provadores, escadas de emergência. Criança em sobrecarga procura silêncio, não procura gente.
- 5** **Mostre a foto do dia** a todos que estiver acionando, e diga a cor da roupa.
- 6** **Um adulto fica parado** no ponto de encontro ou no último lugar onde ela foi vista.

Não chame gritando repetidamente em volta dela se houver suspeita de que esteja escondida por sobrecarga. Muitas vezes o barulho e a agitação fazem a criança se enfiar ainda mais fundo no esconderijo.



Fuga não é fuga de você

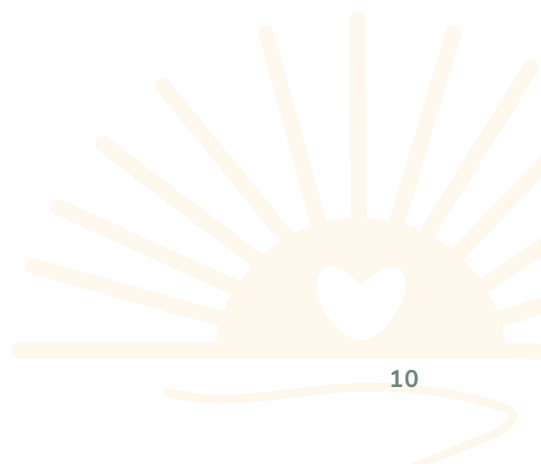
Sair correndo, escapar de casa, desaparecer da escola, soltar a mão e disparar. Na literatura aparece como *elopement*. É comum, é perigoso, e quase nunca é o que os adultos supõem.

Não é desobediência. Costuma ser:

- **Fuga de sobrecarga.** Barulho, luz, cheiro, aglomeração, demanda demais. O corpo tira a criança dali.
- **Fuga de demanda.** Tarefa difícil, transição indesejada, algo que ela não consegue recusar de outro jeito.
- **Busca de algo específico.** Água, trem, elevador, portão, animal, um lugar que ela adora. Muitas crianças correm *para* alguma coisa, não *de* alguma coisa.
- **Impulsividade.** Sobretudo no TDAH: a ideia e a ação acontecem juntas, sem espaço para o cálculo de risco.
- **Percepção de perigo reduzida.** Rua, altura e água podem simplesmente não estar sendo lidos como ameaça.

Por que essa distinção importa

Se a fuga for lida como desobediência, a resposta vai ser punição — e punição não reduz fuga, só ensina a criança a não avisar que vai sair. Se for lida como função, a resposta é ajustar ambiente, demanda e supervisão, que é o que de fato funciona.



Prevenir a fuga

Em casa

- Travas em altura fora do alcance, em portas e janelas.
- Alarme, campainha ou sino de porta e portão — barato e eficaz para avisar que abriu.
- Cerca ou portão com fechamento automático, quando possível.
- Se houver piscina no prédio ou perto de casa, trate isso como prioridade de segurança.
- Avise vizinhos, portaria e síndico. Deixe com eles uma foto e o seu telefone.

Na escola e nos serviços

- Entregue por escrito quais são os gatilhos de fuga e o que costuma acalmar.
- Combine quem é o responsável direto em cada momento do dia, inclusive recreio, entrada, saída e educação física.
- Peça que avisem você **na hora** de qualquer episódio, mesmo que resolvido em segundos.

Documentos e sinalizações que podem ajudar

A carteira de identificação da pessoa com transtorno do espectro autista e o cordão de girassol, usado como sinalização de deficiências ocultas, são recursos previstos na legislação brasileira e reconhecidos em muitos serviços. As regras de emissão e o grau de reconhecimento variam por estado e município — confirme como funciona no seu antes de contar com eles.



Durante a crise

O objetivo não é fazer a crise parar. É **manter a criança segura e reduzir estímulo** até o sistema dela conseguir voltar. Crise não se negocia e não se argumenta.

Faça

- **Reduza o ambiente:** menos luz, menos som, menos gente. Peça que as pessoas se afastem — inclusive as bem-intencionadas.
- **Um único adulto fala.** Frases muito curtas, voz baixa, pausas longas. Menos palavras, não mais.
- **Aproxime-se pela lateral,** na altura da criança, sem encarar de frente e sem bloquear a saída dela.
- **Ofereça o item regulador** e depois espere. Espera é intervenção.
- **Proteja de risco físico:** rua, água, altura, objetos. Aqui a prioridade é o corpo, e só aqui.

Evite

- **Cercar, segurar pelos braços, puxar ou imobilizar.** Contenção física tem risco real de lesão para a criança e para o adulto, agrava a crise e deixa marca. Deve ficar restrita a risco iminente e, idealmente, a quem tem treino específico.
- **Falar muito, explicar, repetir ordens** ou fazer perguntas.
- **Ameaçar, barganhar ou prometer** algo em troca de parar.
- **Filmar.**
- **Plateia.** Se não der para afastar as pessoas, afaste a criança.



Depois da crise

Nas primeiras horas

- **Não puna** a crise nem a fuga. A criança não escolheu, e punir só ensina a esconder o próximo episódio.
- **Ofereça recuperação:** silêncio, água, comida, o item preferido, tempo. Depois de uma crise o corpo está exausto.
- **Conversa depois, não durante** — e curta.

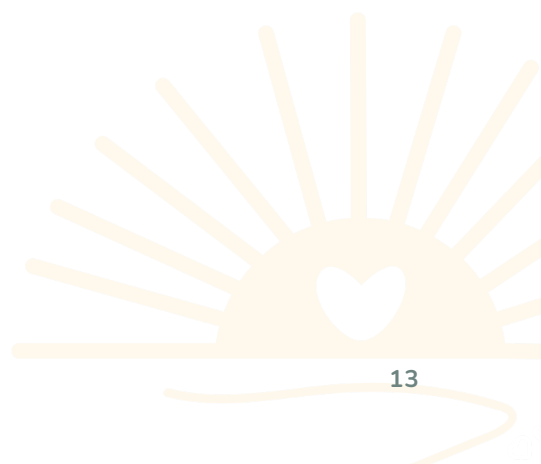
Registre e investigue a função

Anote logo, enquanto está fresco: **o que veio antes** (nas duas horas anteriores), **o que estava acontecendo** no momento, **quanto tempo** durou, **o que ajudou** e **o que piorou**.

Depois de alguns registros o padrão aparece — e quase sempre ele aponta para algo do ambiente ou da demanda, não para a criança.

Cuide de quem cuidou

Depois de uma crise séria ou de um episódio de fuga, o adulto costuma ficar com o corpo em alerta por horas e com uma culpa que não tem base. Isso também precisa de recuperação, e não é frescura. Se os episódios estiverem frequentes, procure apoio profissional para a família, não só para a criança.



Quando gritar não funciona

Gritar "socorro" costuma falhar para qualquer criança: quem está por perto tende a interpretar a cena como birra ou briga de família e não intervém. Para uma criança neurodivergente que grita, chora ou se debate com frequência, essa leitura equivocada é ainda mais provável.

Para quem fala

Treine uma frase específica, sempre a mesma, que desfaça a suposição de família:

"Essa pessoa não é meu pai!"

"Essa pessoa não é minha mãe!"

Gritar **"Fogo!"** também é bastante recomendado, por fazer as pessoas olharem imediatamente. Treine em contexto real, não só falando sobre.

Para quem não fala, ou não fala sob estresse

- **Cartão de bolso** com a mensagem pronta — modelo na próxima página.
- **Apito** no cordão ou na mochila. Barulho agudo e incomum chama atenção e não depende de fala.
- **Botão gravador** com uma mensagem gravada por você.
- **Aplicativo** no celular ou tablet com uma tela de emergência de acesso rápido.
- **Gesto combinado**, único e diferente dos gestos do dia a dia.

A quem pedir

Ensine a procurar **uniforme e crachá** — caixa, segurança, recepção — ou **uma mulher com criança**. Treine com fotos reais dos lugares que a criança frequenta, e não com desenhos genéricos.

Cartão de bolso

Preencha, recorte e mantenha **no bolso ou dentro da mochila** — não pendurado para fora. Faça uma cópia para cada mochila e para o transporte.

Se você me encontrou sozinho

Eu tenho uma deficiência. **Eu posso não responder quando me chamam** e posso não conseguir pedir ajuda.

Por favor, fique comigo e ligue:

TELEFONE 1

TELEFONE 2

Se não conseguir contato, chame o 190 ou a segurança do local.

Verso — informações para quem está ajudando

MEU NOME

O QUE ME ACALMA

O QUE ME DEIXA PIOR

ALERGIAS E MEDICAÇÕES

Ficha de emergência

Preencha e deixe pronta no celular e impressa. É o que você vai entregar à polícia, à equipe do local ou à escola sem precisar pensar.

NOME COMPLETO E IDADE

DIAGNÓSTICO E FORMA DE COMUNICAÇÃO (FALA, CAA, GESTOS)

RESPONDE AO PRÓPRIO NOME? RESPONDE A ESTRANHOS?

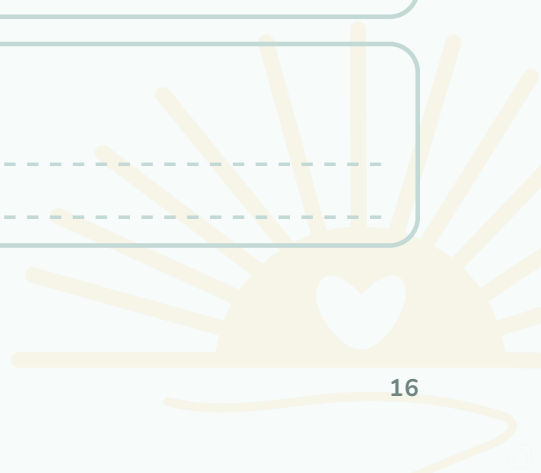
ATRAÇÕES E RISCOS CONHECIDOS (ÁGUA, TRÂNSITO, TRENS, ANIMAIS, ELEVADORES)

ONDE COSTUMA SE ESCONDER

O QUE ACALMA · O QUE PIORA

ALERGIAS, MEDICAÇÕES E CONDIÇÕES DE SAÚDE

CONTATOS — DOIS TELEFONES



Plano de fuga e de crise

Preencha com quem convive com a criança e distribua: escola, terapia, transporte, avós, portaria.

SINAIS QUE APARECEM ANTES DA CRISE OU DA FUGA

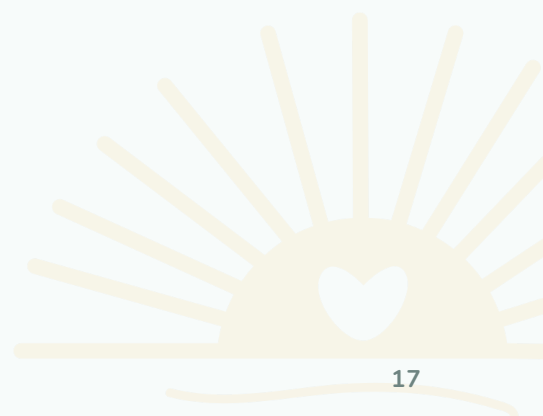
SITUAÇÕES QUE COSTUMAM DISPARAR

O QUE FAZER NOS PRIMEIROS 30 SEGUNDOS

O QUE NUNCA FAZER COM ESTA CRIANÇA

SE ELA SAIR CORRENDO: PARA ONDE ELA COSTUMA IR

QUEM AVISAR, NESTA ORDEM



O meu corpo é meu

Eu posso dizer NÃO.

Ninguém toca no meu corpo sem eu deixar.

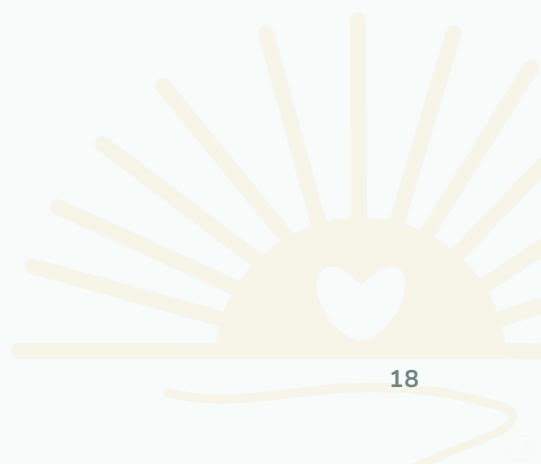
Se eu digo **PARA**, a pessoa para.

Se alguém não parar, eu conto.

Eu conto para o meu adulto.

Se ele não escutar, eu conto para outro.

Adulto: use uma ideia por vez. Repita em dias diferentes. Apoie com a prancha, o caderno ou o aplicativo que a criança já usa, e confirme que as palavras **não**, **para** e **não gosto** estão disponíveis nele.



Se eu me perder

- 1 Eu paro.
- 2 Eu mostro o meu cartão.
- 3 Eu procuro alguém de **uniforme** ou de **crachá**.
- 4 Eu **espero**. Meu adulto vem me buscar.

**Se alguém tentar me levar:
"ESSA PESSOA NÃO É
MEU PAI!"**

Adulto: treine no lugar real, não só em casa. Faça a criança apontar de verdade quem é "uniforme" e "crachá" naquele lugar. Repita antes de cada passeio grande.



Onde pedir socorro



190 — Polícia Militar

Emergência, risco imediato e criança desaparecida. Ligue já no primeiro momento, não espere.



Disque 100

Disque Direitos Humanos. Denúncias de violações contra crianças, adolescentes e pessoas com deficiência. Gratuito, 24 horas, pode ser anônimo.



Conselho Tutelar

Órgão do seu município responsável por zelar pelos direitos da criança e do adolescente.



Delegacia especializada

Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente. A nomenclatura varia de estado para estado.



CRAS / CREAS

Assistência social do município, para acompanhamento e apoio à família.



Ministério Público

Promotoria da Infância e Juventude e da Pessoa com Deficiência, quando o problema envolve serviço, escola ou instituição.

REALIZAÇÃO

Confirme os contatos e endereços atualizados do seu município antes de precisar deles, e deixe anotados em um lugar acessível. Serviços e canais podem mudar.



Na Rota do Afeto
capacitando e interagindo pelo mundo

SOBRE ESTE MATERIAL

Cada criança, um plano

Cartilha gratuita de prevenção, elaborada para uso de famílias, escolas, clínicas e projetos sociais. Pode ser impressa e distribuída livremente, desde que sem alteração de conteúdo e sem fins comerciais.

Este material tem finalidade educativa e **não substitui** avaliação, orientação ou acompanhamento de profissional habilitado, nem orientação jurídica.

REALIZAÇÃO



AUTORIA

Paula Lins

Fonoaudióloga · CRFa 1-13828 RJ

@paulalinsrj

Na Rota do Afeto | Todos os Direitos Reservados - Paula Lins 2026